

O TOTALITARISMO NA DISTOPIA A SEGUNDA PÁTRIA, DE MIGUEL SANCHES NETO
THE TOTALITARIANISM IN THE DISTOPY A SEGUNDA PÁTRIA, BY MIGUEL SANCHES NETO

Meicielen Moises de Souza

José Carlos Aissa

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a10

RESUMO: Este artigo buscou caracterizar o funcionamento de regimes totalitários e analisou a transposição teórica sobre o totalitarismo para o romance *A Segunda Pátria*, de Miguel Sanches Neto. Sendo assim, o questionamento que norteou a pesquisa foi “Como se dá a caracterização de um regime totalitário na narrativa distópica de *A Segunda Pátria*?”. Tratou-se de uma pesquisa básica, qualitativa e de abordagem indutiva. Ademais, a principal base teórica utilizada para o desenvolvimento da análise foram os estudos da filósofa política Hannah Arendt (2013;1999). Por fim, foi possível correlacionar a tipificação do totalitarismo com o governo descrito na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Totalitarismo; Distopia; Romance; Filosofia política; Literatura.

ABSTRACT: This paper characterized the operation of totalitarianism and elucidated the theoretical transposition about totalitarianism to the novel *A Segunda Pátria*, by Miguel Sanches Neto. Therefore, the question that motivated this research was: “How does the characterization of totalitarianism happen in *A Segunda Pátria*?”. It was a basic and qualitative research and the inductive method was used. Furthermore, the main theoretical basis utilized to the analysis were the studies of the political philosopher Hannah Arendt (2013;1999). In conclusion, it was possible to correlate the typification of totalitarianism with the government described in the literary work.

KEYWORDS: Totalitarianism; Distopy; Novel; Political Philosophy; Literature.

Introdução

O presente artigo¹ realizou uma análise do papel exercido pelo regime totalitário na distopia *A Segunda Pátria* (2015), de Miguel Sanches Neto. A seleção do *corpus* deu-se em razão da obra possuir como ambiente social literário um governo totalitário, o qual é responsável pelo cenário distópico apresentado no texto. Na obra, Sanches Neto propôs um desdobramento alternativo da Segunda Guerra Mundial, no qual o Governo Vargas aliou-se ao Eixo e as leis da Alemanha nazifascista passaram a vigorar nos territórios brasileiros.

Perante o exposto, essa pesquisa propôs-se a averiguar o totalitarismo na distopia de Sanches Neto sob o seguinte questionamento “Como se dá a caracterização de um regime totalitário na narrativa distópica em *A Segunda Pátria*?”. Os objetivos de pesquisa consistiram em tipificar o funcionamento do totalitarismo e analisar os efeitos da transposição teórica acerca do totalitarismo para o texto literário que constitui o *corpus* da pesquisa.

Segundo Hannah Arendt (1906-1975), práticas totalitárias podem existir mesmo em sociedades tidas como democráticas e “[...] o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir”². Portanto, a pesquisa justifica-se por seu potencial de aclarar os mecanismos totalizadores presentes no mundo contemporâneo.

Isso posto, a pesquisa realizada caracteriza-se como básica, qualitativa e de abordagem indutiva. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica a respeito do funcionamento dos regimes totalitários e dos mecanismos de controle e coerção dos corpos.

Em vista do exposto, o presente artigo foi dividido em quatro seções, sendo elas, respectivamente: as massas, a propaganda e o terror, a polícia secreta e, por fim, os campos de concentração. Essa divisão baseia-se em alguns dos pontos constituintes de um regime totalitário, propostos por Arendt em *Origens do Totalitarismo* (2013). Além disso, outros estudos basilares para a análise foram *Vigiar e Punir* (1999), de Michel Foucault (1926-1984), *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos* (2011), de Sigmund Freud

¹ Trata-se de um recorte de uma monografia produzida como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Arendt, 2013, p. 268.

(1856-1939), *Psicologia das Multidões* (1980), de Gustave Le Bon (1888-1931), *A Propaganda Política* (2001), de Jean-Marie Domenach (1922-1997) e *A Violação das Massas pela Propaganda Política* (2002), de Sergei Tchakhotine (1883-1973).

As massas

Segundo Arendt (2013), os regimes totalitários utilizam-se das liberdades democráticas na tentativa de tomar o poder e, conseqüentemente, suprimir essas mesmas liberdades que possibilitaram uma revolução, a fim de manterem-se perpetuamente no comando. Contudo, a implantação do totalitarismo implica em uma elevada perda populacional, decorrente da violência característica desse tipo de sistema. Assim, o regime totalitário só é possível onde há muitos cidadãos que possam ser sacrificados sem apresentar risco de despovoamento da nação e de arrasadura de potenciais adeptos fanáticos. É nesse momento que as massas são utilizadas. Por massas, entendem-se indivíduos que:

[...] devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto³.

Desse modo, as massas constituem a adesão desarticulada ideal para que um regime totalitário se estabeleça e se perpetue no poder por tempo indefinido. Assim, é na silenciosa tolerância desse grupo que repousa o domínio das instituições e organizações articuladas de um país⁴.

Como representação disso, a personagem Hertha Scheiffer compunha a massa simpatizante do nazismo, sem ao certo compreender as razões para isso, possivelmente,

³ Arendt, 2013, p. 280.

⁴ Arendt, 2013.

“por puro desejo de se sentir parte de algo”⁵, uma vez que “Nunca chegou a ser fanática. Quando se encontrava entre fanáticos, não se sentia estranha e sim igual; agia e pensava como todos e até defendia ideias que, ao se distanciar daquele ambiente, não tinham grande valor para ela”⁶. Quando contratada para passar uma noite com Adolf Hitler, a personagem foi mantida sob a vigília de seguranças do Partido Nazista, esses são descritos como “fanáticos do Partido Nazista e se comportavam como se fossem os santos de uma religião — o nacionalismo ariano —, subordinando-se à pátria”⁷.

Ainda de acordo com Arendt (2013), quando controladas ou mesmo fanatizadas, as massas apresentam conformismo total com as ideologias dominantes e tornam-se inatingíveis pela experiência e pelo argumento. Mesmo diante de mortes e de crimes de tortura, a identificação com o movimento permanece, o membro da massa “estará até disposto a colaborar com a própria condenação [...] contanto que o seu *status* como membro do movimento permaneça intacto”⁸.

Hertha, contudo, começa a destoar dessa caracterização ao passar a não demonstrar conformismo e identificação absolutos. Com a disseminação do Partido Nazista no Brasil, ela continuou mostrando-se inclinada ao nazismo para a sociedade, contudo, sua lealdade esvaíra-se a partir da noite que passara com Hitler. Desde então, a personagem toma consciência do seu papel como uma engrenagem dentro do sistema totalitário ao passar a crer que:

A história pode ser modificada com um pequeno gesto pessoal. Pode ser alterada ao se dormir ou não com alguém [...] como havia se entregado a Hitler, tudo que ele fazia, a cada novo ataque, quando ele invadia um país, matando gente, era responsabilidade dela⁹.

⁵ Neto, 2015, p. 109.

⁶ Neto, 2015, p. 110.

⁷ Neto, 2015, p. 109.

⁸ Arendt, 2013, p. 278.

⁹ Neto, 2015, p. 187-188.

Arendt (1999) teoriza que a banalização da maldade contribui para a ascensão de regimes totalitários, pois é na ausência de senso crítico que o mal se estabelece. Sendo assim, o mal é político e histórico, pois pode ser institucionalizado e naturalizado pelos homens de acordo com seus interesses. Sob essa ótica, Hertha demonstrou uma transição de pensamento, da banalidade da maldade à consciência de seu papel conivente e uma consequente mudança de atitude.

De acordo com Le Bon (1980), o indivíduo inserido na massa sente que sua responsabilidade sobre os atos cometidos diminui, por isso, cede a instintos que manteria sob controle, além disso, esse sujeito tem seu discernimento comprometido e é mais propenso a sacrificar seus interesses individuais, pois a sugestão dentro de uma massa exacerba-se e cria um estado de contágio mental, no qual todos compartilham das mesmas emoções e praticam os mesmos atos.

Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo, por consequência, um bárbaro. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos e a eles se assemelham ainda pela facilidade com que se deixa impressionar pelas palavras e pelas imagens e se deixa arrastar a atos contrários aos seus interesses mais elementares¹⁰.

Para Freud (2011), as massas são influenciáveis, impulsivas e tendem a cultivar sentimentos simples e exaltados, desse modo, inclinam-se aos extremos. “Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa”¹¹.

Concomitantemente, *A Segunda Pátria* (2015) tem início com um desfile nazista no centro de Blumenau. Adolpho Ventura, um homem negro, junto de seu filho mestiço, deparou-se com a marcha e levou uma cusparada na cara vinda do soldado Julius, enquanto os outros integrantes do desfile mantinham-se silenciosos. Consoante a Le Bon (1980), pode-se afirmar que a cusparada de Julius advém de uma motivação primitiva inerente ao membro da massa. Além disso, o sentimento individual de responsabilidade sobre a violência

¹⁰ Le Bon, 1980, p. 15.

¹¹ Freud, 2011, p. 19.

cometida é reduzido com a aprovação silenciosa dos demais. Por fim, tal qual teoriza Freud (2011), o desfile é marcado pelos sentimentos exaltados, hinos e *slogans* repetitivos, e a cidade de Blumenau é descrita como decorada por símbolos nazistas.

Tais demonstrações se intensificavam, eram cada vez maiores e mais acaloradas. [...] Prevalciam os hinos medievais, cantados como se estivessem em marcha, incentivando a luta contra os inimigos terríveis e odientos. [...] Todos se viam como soldados, até nas tarefas cotidianas. [...] Em mastros erguidos no jardim da frente das casas, tremulavam flâmulas com a suástica. Nas lojas, alguns comerciantes mandaram fazer bustos de madeira de Hitler ¹².

Isso posto, compreende-se a importância das massas para a tomada de poder e o perpetuamento dos regimes totalitários. Por conseguinte, elas constituem o público-alvo da propaganda política totalitária. Na próxima seção, foram elencados os mecanismos pelos quais a propaganda política totalitária atrai as massas.

A propaganda política totalitária

Arendt (2013) aponta que, a fim de granjear e fanatizar as massas, os movimentos totalitários utilizam a propaganda para tornar seus ideais admissíveis diante de um público que ainda não se encontra isolado das demais fontes de informação. Enquanto não atinge o poder, a propaganda dirige-se às camadas não totalitárias dentro do país e aos países não totalitários. Mas, depois da tomada de poder, destina-se aos adeptos do regime, com o intuito de fanatizá-los cada vez mais, e aos segmentos da população cuja doutrinação foi considerada insuficiente. Nesse sentido, os próprios aliados podem ser considerados como necessitados de propaganda.

Segundo Domenach (2001), a propaganda “sugere ou impõe crenças e reflexos que, amiúde, modificam o comportamento, o psiquismo e mesmo as convicções religiosas ou

¹² Neto, 2015, p. 13-14.

filosóficas”¹³. Além disso, utiliza-se de métodos publicitários, como a repetição, o estribilho, as imagens atraentes e os símbolos.

Na obra de Sanches Neto, é possível acompanhar a gradual ascensão do regime nazista no Brasil e da linguagem propagandística empregada para esse fim. Essa expansão pode ser observada no protagonista Adolpho Ventura. No início da narrativa, Adolpho era um engenheiro, falava alemão impecavelmente, vestia-se de modo elegante e possuía uma boa residência. Porém, conforme o nazismo ganha força no Sul, Ventura passou a ser tratado de forma cada vez mais hostil, sendo completamente desprezado pela sociedade e demitido de seu emprego, além de ter sua propriedade confiscada e ser enviado a um campo de concentração. Ao mesmo tempo, os comunicados do presidente Getúlio Vargas, transmitidos pela Rádio Nacional, negavam as perseguições cometidas contra os negros e amenizavam as práticas de eugenia vigentes no Brasil, logo, entende-se que o público-alvo desses anúncios era a camada externa necessitada de propaganda.

Afirmam que estamos incentivando a prisão de brasileiros ordeiros, de trabalhadores negros, e que importamos os métodos e as ideias do fascismo [...] Nada é mais falso do que essa calúnia. [...] Nada mais natural que [...] uma cidade onde haja a maioria de uma raça queira preservar a sua pureza¹⁴.

Tchakhotine (2002) postula a existência das alavancas psíquicas de aceitação e de rejeição, as quais exploram o desejo das massas de seguir um líder. O objetivo da primeira é fazer com que o público aceite pessoas e ideias como boas e desejáveis, para isso, associam a elas imagens, símbolos e palavras tidos como positivos. Já a última tem como finalidade fazer com que algo seja rejeitado, ao associá-lo com elementos vistos como negativos. Quando eficazes, essas imagens sugerem e reforçam ideias, em razão disso, torna-se um artifício favorável para manter a ordem social e atrair adeptos.

A figura do líder e a alavanca de aceitação recaíam sobre as imagens de Adolf Hitler e Getúlio Vargas. Fotografias e esculturas mostravam os líderes juntos, com Hitler em posição de destaque, e os meios de comunicação exaltavam o avanço industrial e o

¹³ Domenach, 2001, p. 12.

¹⁴ Neto, 2015, p. 83.

crescimento na economia do Brasil. Por outro lado, a alavanca de rejeição utilizava-se da imagem de negros, índios e mestiços como inimigos hereditários responsáveis pela contaminação da pureza do sangue ariano. Em sua passagem por Porto Alegre, Adolf Hitler fez um discurso no qual declarava: “Os judeus, esses nossos inimigos hereditários, querem que o Brasil seja negro, porque os judeus agem sornateiramente para nos destruir. [...] É preciso que o Brasil seja dos brancos e não dos inferiores. A contaminação racial é um crime”¹⁵.

Uma vez que atingem o controle absoluto sobre a população, os governos totalitários empregam a propaganda com a finalidade de criar uma realidade fictícia e inatingível ao mundo real e de manter intactas as estruturas sociais e governamentais. Às camadas que não participam da fantasia totalitária, a propaganda visa manter uma fachada de normalidade e bom senso. Isso acontece porque a verdade, em um governo totalitário, não passa de um jogo de poder, pressão e repetição constante (Arendt, 2013).

Em *A Segunda Pátria*, os cativos dos campos de concentração exerciam trabalhos pesados e excessivos, recebiam pouca ou nenhuma comida e dormiam amontoados no chão de barracões. Entretanto, o Partido Nazista afirmava em suas propagandas que os negros, índios e mestiços estavam sendo bem tratados em centros de reeducação para o trabalho. O objetivo dessa mentira era criar uma realidade fictícia e manter a aparência de normalidade.

No entanto, se a propaganda não é suficiente para manter o controle absoluto sobre as ideias, é preciso empregar o terror. O terror totalitário pode ser aplicado a qualquer cidadão, mesmo os considerados inofensivos. A lealdade ao regime totalitário precisa ser absoluta e indubitável, logo, qualquer ato minimamente inortodoxo é fortemente reprimido com prisões, castigos, torturas e assassinatos (Arendt, 2013).

Hertha Sheffer passou a ser considerada uma grande inimiga e traidora do nazismo por arrepende-se de dormir com Hitler e por misturar seu sangue ao de um negro. Apesar disso, a personagem não era uma revolucionária ou uma conspiradora, portanto, não apresentava perigo real para a manutenção do nazismo. Contudo, em razão dos regimes totalitários considerarem o menor desvio de conduta uma grande heresia, ela foi presa e

¹⁵ Neto, 2015, p. 159.

torturada. “Fora tão bem tratada e agora representava uma ameaça, mínima, era verdade, mas para os fanáticos todo perigo é imenso”¹⁶.

Arendt (2013) postula que a homogeneização social é uma condição essencial para o funcionamento do totalitarismo. Para operar devidamente, o governo totalitário não deve permitir a preservação de laços não políticos entre a população, tais como laços familiares e de amizade. Isso porque a lealdade incondicional exigida só pode ser cumprida por um indivíduo isolado de qualquer outro laço social, atividade intelectual, trabalho criativo ou interesse cultural, assim, o sujeito só adquire um sentido existencial por meio da mente coletiva, ao integrar um movimento ou partido.

No romance, os indivíduos de famílias descendentes da Alemanha tinham o dever de manter a pureza da raça alemã, mesmo vivendo em território estrangeiro, diante disso, os relacionamentos inter-raciais foram proibidos e qualquer atitude amistosa com negros poderia ser considerada um ato de traição e deslealdade ao nazismo. Em razão disso, Adolpho Ventura, um homem negro, e Hertha Sheiffer, uma mulher ariana, vivem um romance em suspenso e em segredo ao longo da narrativa. Além disso, os cidadãos eram incentivados a denunciar amigos, familiares, colegas e vizinhos que apresentassem comportamentos considerados suspeitos. Dessa forma, eram eliminados os laços sociais e afetivos.

Diante do exposto, entende-se que a propaganda persegue condições fundamentais para o pleno funcionamento do totalitarismo, ou seja, a inexistência de oposição ideológica. As divergências remanescentes são contidas por meio da perseguição e do terror. Adiante, na próxima seção, tratou-se da coerção empregada nos corpos e nas mentes por meio da instituição de uma polícia secreta.

A polícia secreta

Arendt (2013) afirma que a polícia secreta é instaurada com o intuito de aniquilar inimigos estrangeiros, rebeldes, antigos oponentes políticos e potenciais traidores do regime,

¹⁶ Neto, 2015, p. 237.

além de descobrir os inimigos ocultos, de modo a acabar com qualquer forma de oposição política. Para atingir esse objetivo, toda a população é mobilizada a prestar serviços voluntários de espionagem, a fim de evitar a chamada “culpa por associação”, visto que os amigos e familiares de um condenado passar a ser culpados por sua associação a um herege. Além de eliminar inimigos políticos, essa estratégia também contribui para a extinção dos laços afetivos.

Na obra de Sanches Neto, a Gestapo tinha como função vigiar, castigar e prender qualquer indivíduo que apresentasse uma conduta desviante às doutrinas governamentais. Para chegar até esses indivíduos, eram recebidas denúncias dos cidadãos, os quais prestavam serviços voluntários de espionagem. Além disso, a Gestapo era composta por membros confidenciais, pois, assim, os suspeitos não sabiam quem estava os vigiando. Nota-se ainda que a Gestapo, no romance, poderia empregar qualquer meio necessário para a manutenção da ordem social.

Arendt (2013) aponta dois tipos de inimigos perseguidos pela polícia secreta: os suspeitos e os objetivos. Os inimigos objetivos são definidos ideologicamente pelo governo totalitário antes mesmo de tomar o poder. Esses não precisam apresentar um comportamento suspeito ou serem denunciados para serem perseguidos, pois sua existência é contrária à ideologia do partido. Os inimigos suspeitos, em contrapartida, são aqueles que apresentam pensamentos e comportamentos perigosos para a estabilidade totalitária, ou que, por seu elevado nível intelectual, representem uma ameaça à manutenção da ordem social.

Adolpho foi condescendente com o crescimento do regime nazista no Brasil por achar que ascenderia profissionalmente, devido ao seu domínio da língua alemã. Além disso, compareceu à palestra do pastor Friedrich Kumer sobre pureza racial para “se fazer pertencer ao grupo no comando da cidade”¹⁷. Mesmo não expressando nenhuma oposição ao regime nazista, era um inimigo objetivo em razão de sua raça, ou seja, precisava ser eliminado pois sua existência, assim como a de todos os negros, é antagônica à doutrina nazista.

¹⁷ Neto, 2015, p. 34.

Hertha, por outro lado, passou a exibir comportamentos e ideias nocivas ao regime nazista. A personagem e seu tio, Onkel Karl, não deixaram de ter atitudes amistosas com negros e passaram a ser considerados inimigos suspeitos. “Como eles eram alemães e não ajudavam a limpar a cidade dos elementos com sangue estranho, tornaram-se um alvo. Era uma forma de dizer: vocês aprovam esses negros, fiquem com eles”¹⁸.

Portanto, o controle social só se torna possível por meio da observação do comportamento humano. De acordo com Foucault (1999), um modelo de observatório social seria o acampamento militar, já que, nele, todas as tendas são dispostas de modo a criar uma rede de olhares na qual todos vigiam e estão visíveis, o que permite um maior controle interno.

Tal modelo faz-se presente no *corpus*, uma vez que os programas de rádio incentivavam os ouvintes a denunciarem amigos, familiares e colegas que se mostrassem contrários às políticas de pureza racial. Dessa forma, os simpatizantes nazistas observavam e denunciavam uns aos outros sob qualquer sinal de suspeita. Onkel Karl pode ser tomado como exemplo, pois, embora colaborasse com o Partido Nazista, recusava-se a contribuir com a caça aos negros. Em razão disso, foi denunciado por seus funcionários e obrigado a arrendar sua loja aos acusadores.

Contudo, Foucault (1999) constata, a partir do Panóptico de Bentham, que, para o indivíduo submeter-se a um conjunto de regras, não é necessário que esse seja, de fato, observado, basta que acredite ser observado. O Panóptico consiste em uma torre no centro de uma construção em anel, essa torre emite uma luz em toda a periferia da construção, a qual encontra-se repleta de celas, pela contraluz emitida nas celas, é possível enxergar todas as silhuetas cativas nas celas sem nunca ser visto. Os cativos estão constantemente visíveis e, conseqüentemente, sentem-se continuamente observados, mesmo que não exista nenhum vigia na torre central e a luz esteja sendo emitida de modo automático e mecanizado.

Nessa perspectiva, afirma Foucault (1999), não são necessárias grades, correntes e fechaduras, basta um esquema de observação individualizante e constante. Para que esse

¹⁸ Neto, 2015, p. 181.

funcione, é necessário que o poder seja visível e inverificável. Visível, pois o indivíduo precisa sentir-se vigiado. Inverificável, já que nunca deve saber por quem ou de onde está sendo observado, mas deve ter a convicção de que sempre pode sê-lo.

Nota-se, em *A Segunda Pátria*, a combinação do esquema de acampamento militar com o Panóptico, pois o terror psicológico exercido pela polícia secreta era tanto que Hertha sentia-se espionada constantemente, por isso, passava os dias a andar pelas ruas de Blumenau, acreditando que essa era uma forma de despistar seus perseguidores.

Eram homens invisíveis que conseguiam esconder seus corpos, não revelar suas faces, embora ela sentisse a presença deles até dormindo. Em algum lugar próximo eles velavam seu sono. Poderiam estar no sótão desabitado da casa, em alguma residência vizinha, alugada clandestinamente para acompanhar os movimentos da perigosa traidora do nazismo ¹⁹.

Mas o que fazer quando o “vigiar e punir” não é suficiente para controlar o pensamento e a ação humana? Na próxima e última seção deste artigo, foi abordada a função dos campos de concentração nos regimes totalitários e na obra de Sanches Neto.

Os campos de concentração

Arendt (2013) teoriza que os campos de concentração têm como objetivo não somente aniquilar indivíduos, mas eliminar a espontaneidade e a identidade humana. Os prisioneiros são como “mortos-vivos”, pois têm sua psique e individualidade destruídas antes de serem assassinados. Para infligir essa condição, são necessárias três mortes: a da pessoa jurídica, a da pessoa moral e a da individualidade.

A primeira morte consiste em eliminar todos os registros e documentos que comprovem que determinado indivíduo existiu. A segunda, por sua vez, é baseada na criação de dilemas morais nos quais fazer o bem seja impossível, isto é, situações em que “A

¹⁹ Neto, 2015, p. 229.

alternativa já não é entre o bem e o mal, mas entre matar e matar”²⁰. Por fim, a terceira ocorre por meio dos maus-tratos e da despersonalização infligidos na manipulação dos corpos.

Ao ser mandado para o campo de concentração, ocorreu a morte da pessoa jurídica de Ventura, pois ele deixa de existir no “mundo dos vivos”, já que seus familiares nunca foram notificados do seu paradeiro. Até mesmo no momento de sua morte, ele morreu como anônimo, constituindo um apagamento de sua pessoa jurídica, de sua história e sua subjetividade. A morte de Ventura se dá em meio a uma fuga, na qual os detentos vestiram os uniformes dos capatazes a fim de manter um disfarce no trajeto. Esse ato foi, porém, a fatalidade do grupo, que foi confundido com um grupo de soldados nazistas e bombardeado.

Um fotógrafo do exército brasileiro fez imagens desses negros que tinham aderido ao nazismo. Anos depois, quando Hitler e seus seguidores tinham sido destruídos, essas fotos seriam usadas para mostrar, numa tentativa de inocentá-los, que o nazismo não era nada daquilo que imaginavam, que no Brasil havia inclusive um batalhão de negros que lutava para defender o Führer e suas ideias. Nunca se apurou a identidade daqueles homens nem o que eles faziam ali ²¹.

A morte da individualidade de Adolpho, no entanto, começou muito antes, desde o trajeto ao campo, quando se inicia um processo de despersonalização. Ele foi transportado nu e amarrado em um vagão juntamente com outros cativos. Ao chegar na Fazenda Vita Nova, os prisioneiros receberam pijamas iguais e tiveram sua identificação marcada à ferro quente na pele. A partir daí, Ventura foi encarregado de cuidar da lavoura. Todos os detentos trabalhavam até a exaustão e recebiam apenas uma ou nenhuma refeição ao dia. Os dormitórios eram localizados em barracões equipados com diversas esteiras estendidas no chão. “Estavam todos, transcorridas décadas do fim da escravidão, numa senzala. [...] As grades, aqueles pijamas e o lugar sujo os uniam”²².

Nota-se, contudo, que Adolpho foi capaz de resistir à morte da pessoa moral, pois, quando posto sob dilemas que colocavam seus interesses individuais e os interesses

²⁰ Arendt, 2013, p. 384.

²¹ Neto, 2015, p. 304.

²² Neto, 2015, p. 54.

coletivos dos cativos em confronto, o personagem se manteve aliado aos interesses do grupo, operando na linha de frente da fuga dos detentos.

Considerações finais

Levando-se em conta o questionamento que motivou a pesquisa, conclui-se que o regime totalitário presente em *A Segunda Pátria* converge com a tipificação proposta por Arendt (2013) a respeito do totalitarismo, além de coincidir com as demais teorias mobilizadas para explicar o funcionamento dos regimes totalitários. Além disso, foi possível observar como Adolpho Ventura representa o indivíduo vencido e atomizado pelo totalitarismo que, em suas tentativas de romper com a opressão totalitária, acaba derrotado pelo sistema, pois, além de morto, tem sua história de luta e de revolução apagada.

Destarte, compreende-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que foi possível caracterizar o totalitarismo e correlacionar essa teoria com a obra de Sanches Neto, de modo a observar a transposição do arcabouço teórico a respeito dos governos totalitários na distopia analisada. Contudo, cabe ressaltar a incompletude da pesquisa, tendo em vista que os conceitos mobilizados compreendem apenas um recorte dos principais mecanismos presentes nos governos totalitários. Sendo assim, admite-se a existência de nuances e especificidades acerca dos regimes totalitários não focalizados nesse trabalho.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

DOMENACH, Jean-Marie. A Propaganda Política. São Paulo: *Ridendo Castigat Mores*, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos.** v. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões.** Portugal: Delraux, 1980.

NETO, Miguel Sanches. **A Segunda Pátria.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

TCHAKHOTINE, Sergei. A Violação das Massas pela Propaganda Política. Tradução de Miguel Arraes. São Paulo: *Ridendo Castigat Mores*, 2002.

Meicielen Moises de Souza é mestranda em Letras no Programa de Mestrado Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atua na linha de pesquisa: Literatura Contemporânea.

José Carlos Aissa é doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Comparative Literature pela Pennsylvania State University. Graduado em Letras pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Professor associado no curso de graduação em Letras – Português/Inglês e no Programa de Mestrado Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Recebido em agosto de 2023
Aprovado em dezembro de 2023